

ORGANIZAÇÃO
Ironita A. P. Machado e Gizele Zanotto

Patrimônio **MOMENTO**
Volume IV



2015
Erechim - RS

IMAGEM CAPA
Paulo Rogério Magro

IMAGENS CONTRACAPA
Equipe Momento Patrimônio

TÍTULO

Momento Patrimônio - Vol. IV

ORGANIZADORAS DO VOLUME

Ironita A. P. Machado e Gizele Zanotto

AUTORES

Adriana Canalli
Alessandro Arzani
Caroline da Silva
Claudia Zimmermann Teixeira
Cleide Pertussatti
Djiovan Vinícius Carvalho
Ediane Garcez Grazziotin
Eliane Germe
Elison Antonio Paim
Fabiana Baratieri Pires
Fernando Arnold Lorenzon

Gislene Garcia
Gizele Zanotto
Ieda Marisa Aguiar
Ironita Policarpo Machado
João Carlos Tedesco
Josiane Costa Fávero
Juliana Toldo
Letícia Mistura
Luciane Formigheri
Márcio Luiz Rodrigues

Marcos Gerhardt
Maria Cláudia Fazenda
Nisiane Caldart Telles
Rosane Marcia Neumann
Roseli Lourdes Lago Fior
Sandra Maria dos Santos
Sidinei Carlos Lambrecht Agatti
Sirlei F. de Souza
Terezinha Segalin
Zulmira Puerari Pan

M732

Momento Patrimônio: volume IV / Organização: Ironita Policarpo Machado,
Gizele Zanotto. - Erechim: Graffoluz, 2015.
268 p. : il. ; 20x23cm. - (Coleção Memória e Cultura - NEMEC/PPGH)

ISBN: 978-85-60210-61-9

1. Patrimônio histórico - Passo Fundo (RS). 2. Histórias e
memórias - Passo Fundo (RS). 3. Patrimônio cultural - Passo
Fundo (RS). I. Machado, Ironita Policarpo. II. Zanotto, Gizele.
III. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável: Janaína Cruz Alvariz - CRB10/2239



Impressão:

Graffoluz Editora e Indústria Gráfica Ltda.
Rua Dr. Sidney Guerra, 306
Fone: (54) 3522-1436
CEP: 99701-758 - Erechim / RS
graffoluz@graffoluz.com.br

COLEÇÃO MEMÓRIA E CULTURA

Os estudos sobre Memória e Cultura (em suas variadas expressões materiais e imateriais) articulam várias abordagens, problemáticas e propostas de pesquisa desenvolvidas na área das Ciências Humanas. Coadunando perspectivas teórico-metodológicas com análises empíricas, suas repercussões incidem no perceber e compreender como as relações sociais e históricas se articulam, dinamizam, desenvolvem e se cristalizam na perspectiva de seus agentes e da sociedade ampla que integram. Neste sentido, as repercussões das pesquisas excedem o espectro específico das discussões historiográficas para abranger, também, análises sociológicas, filosóficas, institucionais, do cotidiano, das visões de mundo e das ações decorrentes de tais compreensões.

Coordenação: João Carlos Tedesco, Gizele Zanotto e Gerson Luís Trombetta.

Conselho Editorial: Arlene Anelia Renk, Bruno Antonio Picoli, Cândido Moreira Rodrigues, Christiane Jalles de Paula, Claudia Mariza Mattos Brandão, Gerson Luís Trombetta, Gizele Zanotto, Ironita Policarpo Machado, Jacqueline Ahlert, João Carlos Tedesco, José Zanca, Marlise Regina Meyrer, Marta Rosa Borin, Patrícia Carla de Melo Martins, Roberto Di Stefano, Rodrigo Coppe Caldeira, Teresa Maria Malatian.



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
Elison Antonio Paim	

APRESENTAÇÃO	15
Ironita Policarpo Machado	

PARTE I - A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM DEBATE

O PATRIMÔNIO COMO UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR: REDE DE MEMÓRIAS	21
Ironita Policarpo Machado Djiovan Vinícius Carvalho	

O MÉTODO DE PROJETOS E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.....	39
Gislene Garcia	

CONSTRUÇÃO DO LUGAR DE VIVÊNCIA: BAIRRO SÃO LUIZ GONZAGA.....	53
Sirlei de Fátima de Souza	

O LUGAR, O COTIDIANO E A MEMÓRIA: UNIVERSOS DE SENTIDOS E DE APRENDIZAGENS	79
João Carlos Tedesco	

A TOPONÍMIA REGIONAL LIGADA AO AMBIENTE: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO	101
Marcos Gerhardt	

ENSINO DE HISTÓRIA E OS ESPAÇOS HISTÓRICOS: QUANDO A MATERIALIDADE É FUNDAMENTAL	111
Letícia Mistura Rosane Marcia Neumann	

MUSEUS: FONTES E RECURSOS INDISPENSÁVEIS PARA
A FORMAÇÃO INTELECTUAL DO ALUNO..... 123
Sidinei Carlos Lambrecht Agatti

REGISTRANDO SABERES:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA CABOCLA NO OESTE CATARINENSE 135
Márcio Luiz Rodrigues

E ISSO TUDO É NOSSO? ANÁLISE DAS AÇÕES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA MAUÁ..... 151
Fernando Arnold Lorenzon

OS DESAFIOS DO ESTUDO DAS INTERAÇÕES SOCIAIS NOS LIMITES PAROQUIAIS:
VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL EM CAMBIRA (PR)..... 169
Alessandro Arzani

PARTE II - A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM AÇÕES

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO:
UM RESGATE DA MEMÓRIA COLETIVA DA COMUNIDADE WOLMAR SALTON..... 191

Gislene Garcia

- *Oficina: Resgate histórico das ruas da comunidade Wolmar Salton* 192
- *Oficina: Resgate do uso das ervas medicinais* 193
- *Oficina: Etnias da comunidade escolar Wolmar Salton* 195
- *Oficina: A diversidade religiosa como memória cultural da comunidade Wolmar Salton* 197
- *Oficina: Resgatando casos familiares* 200
- *Oficina: Profissões – pensando no futuro* 205
- *Oficina: Patrimônio Ambiental - Áreas de Preservação Permanente* 208
- *Oficina: Comunidade, um importante patrimônio* 210
- *Oficina: Representação da comunidade escolar através de maquete* 214
- *Oficina: Espaço geomatemático da comunidade Wolmar Salton* 216
- *Oficina: O maior patrimônio da escola são nossos alunos* 222

<i>EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E A CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES MULTIPLICADORES</i>	229
<i>Caroline da Silva</i>	
<i>Djiovan Vinícius Carvalho</i>	
<i>Ironita Policarpo Machado</i>	
• <i>Oficina: História Oral</i>	231
• <i>Oficina: História e Patrimônio</i>	232
• <i>Oficina: História e Imagem</i>	234
• <i>Oficina: História e Museologia</i>	235
• <i>Oficina: Construindo Noções de Espaço e Tempo Através da Cartografia</i>	236
<i>II CONCURSO DE QUADRINHOS DO ARQUIVO HISTÓRICO REGIONAL - PASSO FUNDO: HISTÓRIA E PATRIMÔNIO</i>	241
<i>Equipe do Arquivo Histórico Regional (AHR-PPGH/UPF)</i>	
<i>A PATRIMONIALIDADE EM REFLEXÕES E EM AÇÕES</i>	267
<i>Gizele Zanotto</i>	

A TOPONÍMIA REGIONAL LIGADA AO AMBIENTE: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Marcos Gerhardt*

Introdução

O texto propõe considerar a toponímia regional ligada ao meio ambiente como memória e patrimônio. Diversos nomes (os topônimos) de lugares, de rios e de formas da topografia do município de Passo Fundo e do Planalto rio-grandense estão associados às características ambientais observadas por diferentes grupos humanos em tempos passados. Exprime-se assim uma relação humana com o ambiente que foi, em primeiro lugar, uma forma de localizar-se no território, mas também a identificação das características da paisagem e a prática de atribuir-lhe significados e valores.

Adota-se a abordagem da História Ambiental, dedicada a estudar a importância da natureza na vida humana, as transformações ambientais produzidas pela ação de diversos grupos humanos e também os significados e valores atribuídos pelas pessoas à natureza. A discussão é proposta a partir de um conjunto de topônimos regionais encontrados em mapas, plantas, relatórios oficiais, testemunhos de viajantes e textos de cronistas. O recorte temporal é amplo e pouco preciso, pois é difícil determinar com exatidão quando determinado lugar recebeu uma denominação. Concentra-se, sobretudo, nos séculos XIX e XX. O recorte espacial adotado considera uma região formada pela interação humana com as primitivas formações vegetais, marcadas pela Floresta Ombrófila Mista ou floresta com araucárias, pela Floresta Estacional Decidual e por campos. A região é composta ainda pela interação humana com outros ecossistemas, presentes em banhados, rios, vales e morros.

Nomes de lugares ligados à vegetação

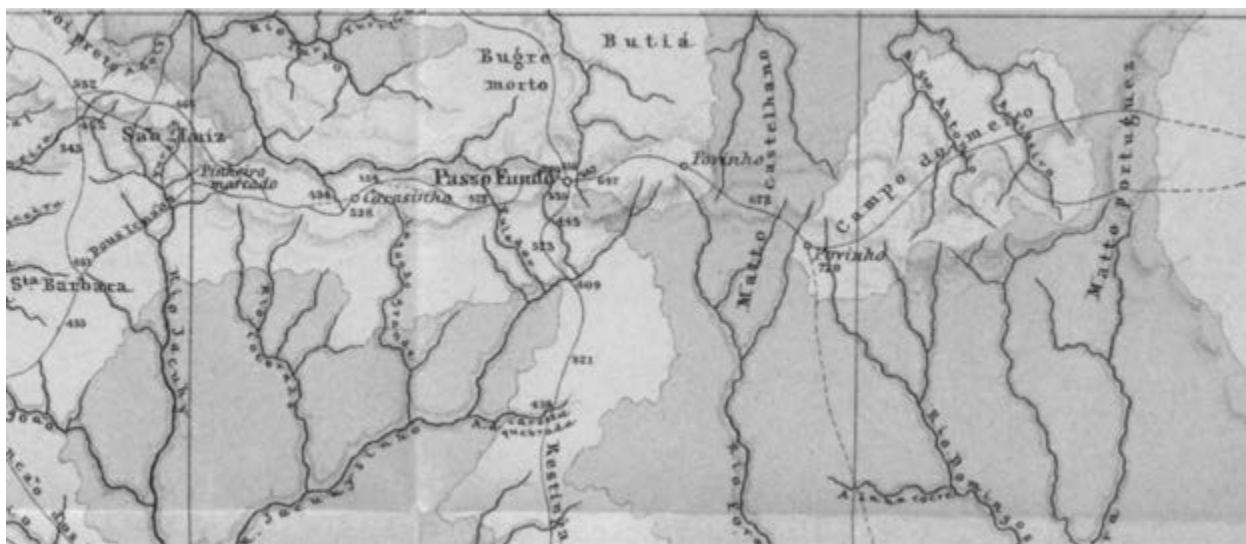
O Timbozal correspondeu ao lugar onde havia uma concentração da árvore timbó (*Ateleia glazioveana* Baill.) no Noroeste do Rio Grande do Sul, assim como o município de Pinhal Grande RS e a localidade de Pinhal Alto, em Guaporé RS, possivelmente corresponderam a lugares onde havia concentrações de *Araucaria angustifolia*. Abundam no estado os lugares cujo nome vincula-se à erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hilaire) ou à atividade ervateira. Não é por coincidência que, no Planalto rio-grandense, existem

*Doutor em História pela UFSC. Professor no Curso de Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo RS. E-mail: marcos@gerhardt.pro.br

denominações como Erval Grande, Erval Seco, São José do Herval, Engenho Velho (Catuípe RS), Capão da Erva (Redentora RS), Alto Erval Novo (Três Passos RS), Lajeado Ervas (Crissiumal RS), estrada do Pau-de-Herva (Augusto Pestana RS) e, mais ao sul, Herval de São João e Herval do Paredão (Santa Cruz do Sul RS). A importância socioambiental e econômica da erva-mate deixou marcas na identificação dos territórios e das paisagens.

Na região em estudo, o Campo do Meio (Figura 1) é uma denominação que situa um lugar no território, caminho para viajantes e tropeiros, tendo como referências o Mato Castelhana e o Mato Português (MABILDE, 1983, p. 60). Conforme o geógrafo Nilo Bernardes, no Planalto rio-grandense, os campos estavam “muito recortados pelas faixas de mata que avançam pelos vales e galgam as coxilhas, mas comunicando-se entre si por largos corredores, semelhantes aos estreitos de um arquipélago”. Esse mosaico de vegetação, intercalando campo e floresta, influenciou as formas de ocupação humana do Planalto e acrescentou complexidade aos sucessivos processos de repovoamento dos ambientes (BERNARDES, 1997, p. 46).

Figura 1 - O Campo do Meio



Fonte: BESCHOREN, Maximiliano. *Originalkarte des nordwestlichen teiles der brasilianischen provinz São Pedro do Rio Grande do Sul*. sl. scp., 1886. Escala 1:1.250.000.

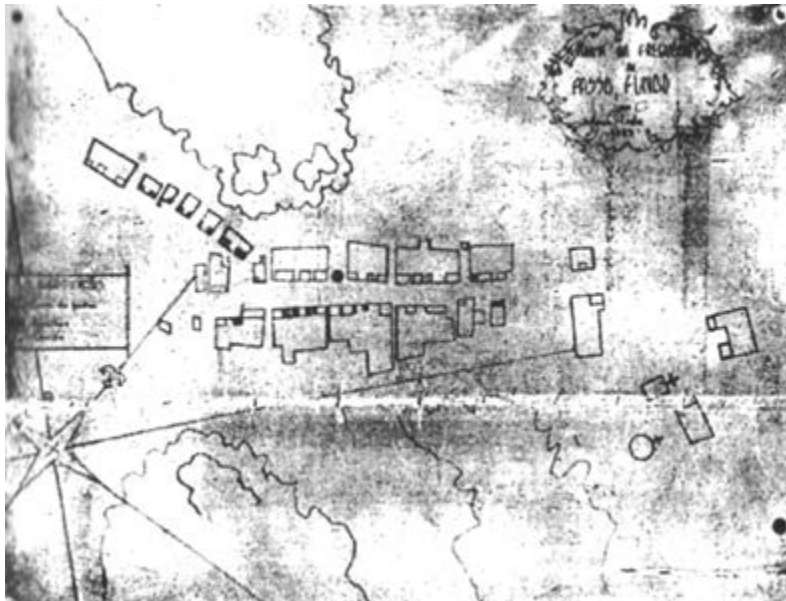
As denominações Muitos Capões, Capão do Cedro, Capão Bonito do Sul e Capão do Tigre (Bom Jesus), no Nordeste rio-grandense, denotam paisagens de mosaico formadas por campo e floresta, com predomínio do primeiro. Capão do Cipó e Capão do Leão, situados em outras partes do estado, têm o mesmo significado. Muitos dos “caápuan” do Planalto, na língua Guarani, “são tão grandes que não podem ser separados dos bosques

ou mattas essenciaes. A maior parte é, todavia, caracterizada pela sua pouca extensão e posição isolada”, escreveu o botânico sueco Carl Axel Magnus Lindman, que percorreu o estado no final do século XIX (1974, p. 258).

Um testemunho importante para entender a atribuição dos nomes dos lugares foi registrado por Francisco de Noronha na apresentação e avaliação do livro do cronista Evaristo de Castro. Ele escreveu sobre as florestas que predominam no Norte do Rio Grande do Sul: da orla do rio “Uruguay destacão-se grandes prolongamentos a que dão aqui o nome de pontões, nos municípios de Passo Fundo, Vaccaria, Santo Angelo e Palmeira” (CASTRO, 1887, p. 20). Este é o caso do município de Pontão RS, próximo a Passo Fundo, onde uma ponta de floresta avançava pelo campo, como uma península adentra o mar. Também é o caso da localidade rural de São Pedro do Pontão, no Noroeste do estado, que combina uma denominação religiosa com uma característica marcante da paisagem.

Compreende-se assim o significado de Boqueirão, hoje um bairro da cidade de Passo Fundo. Na Figura 2, da freguesia de Passo Fundo em 1853, representou-se a orla de mato de ambos os lados do caminho utilizado por viajantes e tropeiros. O Boqueirão, no lado oeste, é a grande “boca” de saída ou entrada no caminho da floresta, conexão do mato com o campo. Santiago do Boqueirão, Boqueirão do Leão e Boca da Picada são denominações análogas encontradas no Rio Grande do Sul.

Figura 2 - A boca do mato



Fonte: FROTTA, Antonio. Planta da freguesia de Passo Fundo: 1853. Arquivo Histórico Regional, Universidade de Passo Fundo.

O cronista Hemetério Velloso da Silveira observou e descreveu este lugar no início do século XX:

A sede do município é situada no dorso da imensa coxilha, que à partir do Mato Português, segue até os municípios de São Borja e Itaqui, a mesma de onde manam os caudais rios e arroios, que se lançam no Jacuí, no Ibicuí ou diretamente no Uruguai. Ocupa o terreno urbano, o que em gíria camponesa se chama um boqueiram, pois de um lado é um extensíssimo capão de matos (hoje muito devastado) que com outros formam, com poucas interseções, uma cordilheira, que se estende até o Pulador; do lado oposto outro (tão estragado como o primeiro) e que pode-se considerar um pontão da Serra Geral a qual vai por fim ligar-se (SILVEIRA, 1909, p. 301).

A toponímia de Passo Fundo, ligada à vegetação, se completa com denominações como bairro Jaboticabal (concentração de *Plinia peruviana*), Passo do Erval, Butiá e as localidades rurais de Pinheiro Torto, Capinzal e Taquari (pequena taquara). O engenheiro agrimensor Maximiliano Beschoren, quando conheceu o caminho de Passo Fundo a Campo Novo, em 1876, relatou a existência do Pinheiro Marcado (Figura 1), “um gigantesco e velhíssimo pinheiro, que permanece exatamente no lugar onde a estrada carreteira deixa a coxilha” (1989, p. 54).

Nomes de rios e dos lugares de passá-los

Próximo ao rio Passo Fundo construiu-se a Vila de Nossa Senhora da Conceição do Passo Fundo, depois transformada em cidade. A expressão “passo” é comum no espaço estudado e existem diversos topônimos indicando o local onde era possível passar de uma margem a outra do rio, ou seja, o nome estava ligado a uma prática e a uma localização. Passo Raso, Passo Molha Coco e Passo das Pedras são denominações que exprimem características específicas do próprio passo. Um passo fundo, junto à estrada principal, aumentava a dificuldade para o viajante transpor o rio, assim como o Passo Ruim. Temos o testemunho de Luiz Alves de Oliveira Bello, que percorreu parte do interior do Rio Grande do Sul em campanha eleitoral e escreveu, no ano de 1856, sobre a Picada da Conceição, no Noroeste do estado: “No fim dela corre o rio Conceição, cujo passo é muito perigoso e fica de nado com qualquer chuva. A légua e meia de distância desse passo está a casa do Sr. Aires, cunhado do Dr. Pinheiro. Almocei ali...” (1940, p. 28).

Passo dos Carros denotava um uso específico, ou seja, um lugar onde carros puxados por bois - e não apenas tropas de animais - podiam atravessar em segurança. O Passo Vira Carreta indicava o contrário. Passo da Ilha, Passo do Herval e Passo do Sobrado estavam ligados às características da paisagem próxima. O Passo do Corvo - no atual

município de Colinas RS - o Passo do Ajuricaba e o Passo de São Borja (SILVEIRA, 1909, p. 366) vinculavam-se ao nome da vila ou da cidade mais próxima. Outros topônimos, como Passo do Governador, têm significado pouco conhecido pela historiografia, mas podem designar um uso.

No grande município de Passo Fundo (Figura 3), assim considerado antes das emancipações municipais ocorridas durante o século XX, alguns topônimos são intrigantes. A origem do Passo do Chinelo, no início do curso do rio Jacuí, pode derivar do uso de um exemplar deste calçado para marcar o local? A interpretação é pouco plausível. Ou neste passo podia-se transpor o rio calçando chinelos? Também é pouco plausível. Mais fácil é tentar explicar a origem do nome da localidade rural de Três Passos, onde o viajante precisava transpor três rios ou arroios sucessivos e próximos para seguir adiante. Beschoren relatou sua passagem pelos três passos em 1874 e reclamou da dificuldade para transpor o arroio Carreta Quebrada (1989, p. 32). Esta configuração hidrográfica e este topônimo também é encontrado no Noroeste do Rio Grande do Sul, no município de Três Passos.

Figura 3 - Passo Fundo em 1890



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de FELIZARDO, Júlia Netto. Evolução administrativa do Rio Grande do Sul: criação dos municípios. Porto Alegre: Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, sd.

Os nomes atribuídos aos rios e arroios têm importantes vínculos com suas características ou com aspectos do ambiente. Rio Turvo, Rio Ligeiro, Rio da Várzea, Rio Colorado, Lajeado Gritador, Lajeado do Sarandi, Lajeado do Lobo e Lajeado da Mortandade são exemplos ilustrativos da região em estudo, assim como Rio das Antas, Rio Pardo, Arroio do Tigre e Arroio do Meio ilustram a mesma ideia em outras regiões. Alguns, como se pode notar, informam que o rio ou o espaço próximo era o *habitat* de animais da fauna regional. A toponímia, como parte do estudo da língua, tem variadas formas de classificação destes nomes.

Outros lugares, caracterizados pela presença de água, receberam nomes que indicam a relação de grupos humanos com eles: Varzinha, diminutivo de várzea - terreno baixo, plano, próximo de rio, mas não alagado - era o nome anterior do lugar onde foi construída a cidade de Guaporé RS (SILVEIRA, 1909, p. 301). Lagoa Vermelha, Lagoa dos Três Cantos, Barra Funda, Entre-Ijuís, Entre Rios do Sul, Dois Lajeados e Salto do Jacuí são nomes nascidos da ocupação humana de ambientes nos quais a presença da água é marcante.

Nomes ligados com a topografia e com os animais

A topografia é um dos elementos da paisagem. O olhar humano e a atribuição de significados produziu denominações como Cerro Largo, Cerro Pelado (Porto Xavier RS), Cerro Grande, Cerro Branco, Monte Alegre dos Campos, Monte Belo do Sul, Coxilha, Serrinha e Canhada Funda (Muliterno RS). As elevações do terreno receberam nomes que ressaltaram suas características visíveis ou ligaram-se a atributos e sentimentos humanos. No primeiro caso, uma característica singular pode tornar-se uma referência para a localização espacial. Beschoren esclareceu que a palavra “serra” nem sempre significou uma elevação do terreno. “Na região alta”, escreveu ele, “entende-se sob o termo ‘serra’, o alongamento de florestas, extensas ou estreitas, ao lado de um rio, cujo terreno pode ser bem plano, embora isso não ocorra, pois no mínimo a sub-elevação para o rio é mais ou menos íngreme” (1989, p. 89).

Existem ainda os nomes de lugares que derivaram de espécies animais, silvestres ou domésticas. Na região estudada, próxima a Passo Fundo, dois topônimos chamam a atenção: Veado Pardo (*Mazama americana*) e Burro Preto, ambos atribuídos a localidades rurais. No primeiro caso, é possível que a presença constante dos animais tenha motivado os moradores do lugar. A denominação existe, pelo menos, desde o final do século XIX e referia-se aos Campos do Veado Pardo e à Fazenda Veado Pardo, de Manoel Thomaz

dos Santos Vaz. No segundo caso, é difícil saber se a denominação se refere ao jumento (*Equus asinus*), popularmente chamado de burro, ou se trata do animal híbrido, resultado do cruzamento do jumento com a égua (*Equus caballus*), conhecida como mula quando fêmea ou burro, quando macho. Talvez a particularidade esteve na cor da pelagem, preta, menos comum que a clara. Jacutinga (*Aburria jacutinga*), Anta Gorda e Boi Preto são outros casos curiosos e interessantes deste grupo de topônimos.

Toponímia, memória e patrimônio

A instalação de balsas e a construção de pontes nos caminhos que cruzam rios e arroios diminuiu a utilização dos passos, mas muitos dos nomes atribuídos continuaram existindo, independente de haver uma ligação com o significado original. Neste sentido, a toponímia é uma memória, um vestígio da interação de grupos humanos com o ambiente. A vegetação original foi quase totalmente removida e novas paisagens foram construídas. Muitos dos nomes ligados a ela, contudo, permanecem como um patrimônio imaterial que herdamos. “Lugares são construções históricas”, “lugar é a ideia, o sentido, o símbolo, parcialmente materializado, pois está registrado no espaço como, por exemplo, as ruas e as praças” escreveram Ironita Machado e Diego Baccin (2015, p. 57), que estudaram a toponímia urbana de Passo Fundo como patrimônio e citaram Ciro Flamarion Cardoso, para quem “o *lugar* define-se como a construção ao mesmo tempo concreta e simbólica do espaço, servindo de referência para todos aqueles que são destinados por esse lugar a uma posição [...] no sistema de valores, da hierarquia, do poder” (1998, p. 14, grifo no original).

A abordagem adotada aqui corresponde ao que o historiador Donald Worster definiu como segundo e terceiro níveis da História Ambiental, ou seja, “o foco está na compreensão de como a tecnologia reestruturou as relações ecológicas humanas, isto é, na análise sobre as várias formas com as quais as pessoas tentaram transformar a natureza num sistema que produz recursos para o consumo”. No terceiro nível, está “aquele tipo de encontro mais intangível, puramente mental, em que as percepções, ideologias, ética, leis e mitos tornaram-se parte de um diálogo de indivíduos e de grupos com a natureza” (2002/2003, p. 26).

As transformações no ambiente, a construção das paisagens tem a ver com os sucessivos despovoamentos e repovoamentos do espaço. O rio Pinday passou a ser chamado de Santo Cristo (RAVE, 1858) e o Goio-en tornou-se o rio Uruguai (BESCHOREN, 1989, p. 47) quando outros grupos humanos interagiram com os ambientes sulinos e

atribuíram novos significados. Muitos topônimos tiveram origem entre os povos indígenas, especialmente os do tronco linguístico Jê. Outros foram criados depois, nos séculos XIX e XX, por tropeiros, viajantes, caboclos, engenheiros agrimensores, colonos e outros grupos sociais. A maioria dos topônimos que tem relação com o ambiente e a natureza nasceram da observação atenta, da interação contínua, da presença de animais silvestres ou da valorização de características específicas, que diferenciam cada paisagem e lugar. O estudo destas denominações nos ajuda compreender as complexas relações econômicas, culturais e socioambientais existentes em tempos passados.

Referências e fontes

BELLO, Luis Alves Leite de Oliveira. Diário de uma excursão eleitoral feita pelo interior da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - 1856. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 79, set. 1940.

BERNARDES, Nilo. *Bases geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.

BESCHOREN, Maximiliano. *Impressões de viagem na província do Rio Grande do Sul*. Tradução de Ernestine Marie Bergmann e Wiro Rauber. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

BESCHOREN, Maximiliano. *Originalkarte des nordwestlichen teiles der brasilianischen provinz São Pedro do Rio Grande do Sul*. sl. scp., 1886. Escala 1:1.250.000.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Repensando a construção do espaço. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 7-23, 1998.

CASTRO, Evaristo Affonso de. *Notícia descritiva da região missioneira na província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Cruz Alta: Typographia do Commercial, 1887, 2 v.

DICK, Maria Vicentina. Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 22, p. 435-436, 1994.

LINDMAN, Carl Axel Magnus; FERRI, M. G. *A vegetação no Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

MABILDE, Pierre F. Alphonse Booth. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da província do Rio Grande do Sul, 1836-1866*. LAGUE, May Mabilde (Coord.). São Paulo: Ibrasa; Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MACHADO, Ironita Policarpo; BACCIN, Diego José. Toponímia e história local: a cidade na história e a história da cidade. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (Orgs.). *Momento patrimônio*. Erechim: Graffoluz, 2015. v. 3. (Coleção Memória & Cultura).

MIRANDA, Fernando Borgmann Severo de; MACHADO, Ironita Policarpo. Lugar de passagem: toponímia e patrimônio. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (Orgs.). *Momento patrimônio*. Passo Fundo: Aldeia Sul; Berthier, 2013. v. 2. (Coleção Memória & Cultura).

MIRANDA, Francisco Nunes de. Sobre os diferentes ervaís, sua extensão, uberidade e cultura. 1859. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

PLANTA da medição judicial da fazenda Veado Pardo. Escala 1:20.000. Arquivo Histórico Regional, Universidade de Passo Fundo (AHR UPF).

PLANTA geral das zonas: Veado Pardo, Serra Geral do Taquari, Serra do Jacuí, Arroio Três Passos, Resvalador e adjacências. Escala 1: 30.000. AHR UPF.

RAVE, Francisco. *Relatório dos campos do Serro Pellado, Ijuí e Uruguai explorados em 1857-1858*. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

RIBEIRO, A. Santo. *Caderneta de campo, mappa e relatorio da medição e divisão da Posse do Cruz*. 1918. Escala 1:10.000. AHR UPF.

RIO GRANDE DO SUL. *Lei n. 8.554/1988*. Cria o município de Ernestina. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br>> Acesso em: 10 jul. 2015.

SANTOS, Urbano B. dos. *Planta da fazenda Veado Pardo*. 1931. Escala 1:10.000. AHR UPF.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVEIRA, Hemeterio José Velloso da. *As missões orientais e seus antigos domínios*. Porto Alegre: Typographia da Livraria Universal, 1909.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambiente & Sociedade*, v. V, n. 2, ago./dez. 2002. v. VI, n. 1, jan./jul. 2003.